

# MEMÓRIAS DO COMUNISMO NO CONTEXTO DA COVID-19

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>  
Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva investigar memórias do comunismo no contexto da pandemia Covid-19 no cenário brasileiro. Especificamente, estudamos os enunciados que materializam memórias do comunismo, mais precisamente analisamos postagens da rede social *Twitter*<sup>3</sup>, que associam o evento Covid-19 ao comunismo. Como resultado, concluímos que a memória entoacional que, em perspectiva dialógica, discursiviza a Covid-19 como criação do comunismo reflete e refrata pontos de vista descontínuos historicamente, bem como revela as visões de sujeitos que têm suas consciências formadas e modeladas por camadas ideológicas nas e pelas quais ser comunista representa ser ativista de um regime que luta contra a ordem institucional do poder político que está no mando.

**Palavras-chave:** Memória. Comunismo. Covid-19. *Twitter*.

## MEMORIES OF COMMUNISM IN THE CONTEXT OF COVID-19

**Abstract:** This work investigates the communism's memories in the 19 – Covid Brazilian pandemy context. Thus, we studied the utterances that materialize memories of communism, especially posts of *Twitter*. As a result, we concluded that the intonation memory that, in a dialogical perspective, discuss Covid-19 as the communism creation reflects historical-deconstinuous points of view, as well as revealing the subject's views in which their conscience were formed and modeled by ideological layers in which being a communist represents being an activist of a political regime that fight against the institutional political power.

**Keywords:** Memory. Communism. Covid-19. *Twitter*.

1 Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

2 Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Educação (DEDUC) do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3 O twitter é um serviço de microblog no qual os usuários podem enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos com até 280 caracteres, conhecidos como tweets), por meio do website do serviço, por mensagens via celular e por softwares específicos e gerenciamento. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

## 1 Introdução

Neste artigo, investigamos enunciados que materializam memórias do comunismo, mais precisamente, analisamos postagens da rede social Twitter<sup>4</sup>, que associam o evento Covid-19 ao comunismo. Visto que os acontecimentos históricos agitaram a memória e possibilitaram sua emergência, a implementação de memórias do comunismo no contexto brasileiro continua seu funcionamento, sendo trazida à tona pelo fato de que governos de esquerda, apesar da boa atuação em algumas áreas administrativas, deixaram os movimentos de direita criarem uma imagem negativa em razão dos escândalos políticos de corrupção passiva que culminou no impeachment da última governante da linha esquerdista. Uma vez que o grupo político de maior oposição a esse governo de esquerda era representado por ativistas de extrema direita, ditos “patriotas”, “nacionalistas”, “defensores da moral e da ética”, a memória do comunismo é ativada como uma forma de criar uma imagem do partido de esquerda como uma “organização/facção criminosa”, que tinha por finalidade destruir o país, aliando-se a países de regimes socialistas.

No momento histórico da ditadura militar, o receio pela implementação de práticas comunistas orientava práticas políticas que sufocavam ações populares ou de grupos organizados entendidas como ações comunistas. De modo geral, para serem entendidas como subversivas, essas ações só precisavam destoar e discordar de ações do governo dos militares que dominava à época. Sendo assim, grupos sociais se organizavam e, com práticas discordantes das do poder centralizador, realizavam atos em prol de uma sociedade mais

justa e, politicamente, democrática. Isso pode ser ilustrado a partir de movimentos populares surgidos do Partido dos Trabalhadores (PT), um partido de esquerda, criado na década de 1980 como uma forma política de enfrentamento e de resistência através da qual se instaurou a luta contra a ditadura militar e em apoio à redemocratização da sociedade. Ideologicamente, esse partido representava suas ações através da bandeira vermelha e isso não era bem visto pelos militares, pois era considerada como uma forma de apologia aos movimentos comunistas.

Em vista disso, a criação da narrativa que culmina na (re)construção da memória comunista no Brasil, para o regime político de direita, é atualizada como forma de libertação de práticas políticas entendidas como socialistas, visto que isso foi presumido após o discurso oficial do presidente eleito para o mandato 2019-2022, quando pronunciou os enunciados: “[...] e me coloco diante de toda a nação, nesse dia, como o dia que o povo começou a se libertar do socialismo”<sup>5</sup> e “essa é a nossa bandeira que jamais será vermelha”<sup>6</sup>. Essa memória atualiza a ideia de que o país, durante os últimos treze anos antes da posse do presidente de direita, viveu um regime político influenciado por ideologias socialistas/comunistas.

Nesse sentido, do início de 2019 até o presente (2020), a memória do comunismo tem sido (re)discursivizada nas falas do presidente e dos ativistas de extrema direita como um recurso entoacional-avaliativo para criar uma pós-memória de que o país passa pela crise político-econômica em razão das práticas político-governamentais e das más gestões de governos de esquerda. Além disso, os grupos de direita – quase como uma seita – têm difundido discursos que criam a imagem de que muitas coisas negativas que acontecem

4 O twitter é um serviço de microblog no qual os usuários podem enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos com até 280 caracteres, conhecidos como tweets), por meio do website do serviço, por mensagens via celular e por softwares específicos de gerenciamento. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

5 Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNlrh9jNPP4>>.

6 Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNlrh9jNPP4>>.

na economia, na educação, na saúde e em outras esferas institucionais são resultado e consequência das ações dos dois últimos governos passados, que seriam governos liderados por “comunistas”.

Esse cenário de conflitos político-ideológicos faz surgir enunciados que reverberam memórias acerca do comunismo. Isso tem ocorrido diante da pandemia da Covid-19<sup>7</sup>, pois as redes sociais têm feito circular discursos que associam a Covid-19 ao comunismo, isto é, à criação de imagens que, para um grupo social que se enquadra na ideologia de direita, essa pandemia representa uma estratégia política de governos mundiais de esquerda para afetar a economia de países que não seguem a mesma ideologia, bem como para demonstrar que as políticas públicas que visam ao combate da pandemia são estabelecidas para desestruturar os avanços no desenvolvimento das ações do governo federal brasileiro.

Diante disso, o presente trabalho objetiva compreender: (i) que associação é feita entre a Covid-19 e o comunismo em postagens da rede social *Twitter*?; e (ii) como a memória do comunismo é ressignificada nessas postagens? Para isso, como procedimento de coleta dos enunciados (as postagens), realizamos pesquisa no *Twitter* para identificar enunciados com as palavras “comunismo” e “Covid-19” no mesmo texto, tendo em vista localizar postagens em que esses dois termos aparecem. Ou seja, ao realizarmos a pesquisa a partir dessas duas palavras-chave, visamos localizar as postagens em que a relação entre a Covid-19 e o comunismo aparece marcada textualmente. A pesquisa e a seleção das postagens (os enunciados) foram realizadas entre 08 (oito) e 11 (onze) de abril de 2020, momento em que

<sup>7</sup> A Covid-19 é a enfermidade infecciosa causada pelo coronavírus que se tem descoberto recentemente. Tanto o novo vírus como a enfermidade eram desconhecidos antes do surgimento em Wuhan (China) em dezembro de 2019. Fonte: <<https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/q-a-coronaviruses>>. Acesso em 17 de abril de 2020.

o Brasil e vários países do mundo vivenciavam a campanha de isolamento social, tendo em vista o combate contra o Novo Coronavírus (a Covid-19).

Ademais, cabe pontuar que este trabalho está organizado em três seções, além desta introdução e da seção de conclusão. Na próxima seção, discutiremos a noção de memória e a de memória entoacional, focando na construção de sentidos e de imagens nos enunciados. Para essa discussão, mobilizamos estudos de Halbawchs (1990), Pollak (1992), Volóchinov (2017) e Nascimento e Oliveira (2019). Na terceira seção, apresentaremos a noção de comunismo, a partir da leitura que fazemos do *Manifesto Comunista de Marx e Engels* (1917) e dos estudos de Spindel (1991; 1989) e, também, faremos um breve percurso histórico em torno da presença das ideias socialistas/comunistas no Brasil, em diálogo com Konder (2003), Bandeira, Melo e Clovis (2017 [1967]) e Fausto (1995). Na seção de análise, laçaremos mão de postagens do *Twitter*, visando mostrar como a associação entre a Covid-19 e o comunismo é construída, e como a memória do comunismo é ressignificada nas postagens dessa rede social.

## 2 Memória [entoacional] e construção de sentidos

Halbawchs (1990) afirma ser a consciência social um produto coletivo perpassado pela linguagem, pelas vozes institucionais e pelas tradições humanas. Isso significa dizer que é através desse todo comunitário que se erigem e se irrompem, de modo flexível ou peremptório, as lembranças de acontecimentos ou de fatos que marcaram um grupo de indivíduos de uma certa esfera social. Assim, o jogo de memória que caracteriza as representações das (inter)ações de um povo constitui, (des)continuamente, os produtos do imaginário histórico, cultural, ideológico, axiológico, dentre outros valores que circulam e se

refletem nas dependências daquilo que Volóchinov (2017) chamou de signo ideológico. Conforme esse mesmo autor, “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). O signo ideológico permite uma tomada de posição, ou seja, é passível de avaliações ideológicas: ele pode falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.

Desse modo, pela ordem de produção e atuação desse signo, ao considerarmos a relação entre consciência e memória social, não podemos deixar de ressaltar a importância de cada lugar, de cada época e de um grupo de sujeitos que, ideologicamente, conformam a razão maior pela qual se idealiza e se projeta o modo de pensar, de agir, de viver e de (re)construir as diferentes realidades de um povo no seu amplo contexto de vida.

Nessa ótica, pensar a consciência social como ponto fundamental para a construção da memória denota cogitar que pontos de vista e fatos do passado são evocados nas construções imagético-discursivas que, por sua vez, atualizam, nos acontecimentos do presente, acontecimentos passados que implicam em acontecimentos do futuro. Nesse sentido, a tomada de posição de cada sujeito, enquanto membros de um coletividade, instaura a convocação dos eventos que foram realizados no todo da comunidade e, a partir disso, as lembranças, exatas ou não, da experiência vivida constituem o ponto central da conformação identitária do sujeito que, pela ótica do Círculo de Bakhtin, se individualiza por traços característicos do imaginário social. E como a linguagem representa o material semiótico para essa realização discursiva, nela se evidencia a manifestação da criação, discursivização e atualização de memórias.

Ao alinhar essa percepção ao pensamento de Halbwachs (1990), acreditamos em uma concepção de memória capaz de instalar nos múltiplos discursos sociais um conjunto de vozes histórico-culturais que, por sua vez, representam o arcabouço da amplidão do pensamento coletivo irrompido ou (des)contínuo de uma tradição da qual se conformam as vozes memoriais. Por assim dizer, surge, desse modo de entender, o processo de construção de memórias, no qual a ideia de que as lembranças históricas de um povo estão calcadas no todo de representações de alteridades, sobretudo, pelo fato de, como pontua Halbwachs (1990, p. 21), existir uma “condição desse acordo substancial que, através do coletivo, persegue o universal e distingue o sonho da realidade, a loucura individual da razão comum”. Em outras palavras, isso aponta para o entendimento de que “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais”, o que faz da percepção das realidades de mundos o modo flexível da desuniformização do indivíduo (HALBAWCHS, 1990, p. 21). Ainda como pensa o autor, isso se dá graças à multiplicação das relações interindividuais, nas quais “cada um deles toma cada vez mais consciência de sua individualidade” (HALBAWCHS, 1990, p. 22).

A respeito daquilo que defendemos como as vozes que constroem a memória, Halbwachs (1990) indica que os testemunhos são ecos discursivos pelos quais se fortalecem, ou não, os conhecimentos coletivos/individuais que se têm para complementar o que se sabe das realidades temporais do mundo, tanto no que diz respeito ao que está explícito, ao que está implícito como, talvez, ao que está esquecido. Isso se apoia no confronto entre os depoimentos coletivos que fundamentam as tomadas de posição individuais. Ainda conforme o autor, o apoio das memórias constitui as lembranças individuais e as lembranças dos outros (as lembranças coletivas) e, por esta

razão, o indivíduo chama um ponto de vista de maior confiança e certeza no conjunto de vozes evocadas para confirmar a construção do discurso do eu e do discurso do outro no bojo do cenário do todo das representações sociais.

Uma vez que as vozes da memória constituem as tomadas de posição e ação dos indivíduos conforme o todo imaginário da coletividade, esse apoio coletivo os torna sujeito com visões particulares, capazes de principiar as razões imprescindíveis de sua individualidade. Isso pode ser visto na compreensão de Pollak (1992), que, de modo particular, entende a memória herdada como “um fenômeno construído social e individualmente” (POLLAK, 1992, p. 5), bem como salienta que a peculiaridade que torna o sujeito um ser constituído por um prisma individual constitui o todo da “imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p. 5). Dizendo isso de outro modo, é evidenciada:

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

A ideia que predomina no excerto corrobora a construção identitária do sujeito como algo que representa uma construção feita pelas memórias que estabelecem os fios da formação da consciência e isso destaca o reflexo dessa identidade como ponto de entendimento de si e dos outros, uma tomada de posição que põem em cheque a vontade da imagem de si pela vontade da imagem do outro, razão pela qual essa construção se estabelece pelas fronteiras da imagem corporal, do pertencimento ao grupo e do sentido moral e psicológico. (cf. Pollak, 1992). Em diálogo com a percepção de Halbwachs (1990), que afirma a consciência social estar relacionada com as instituições e as tradições humanas, a ideia de construção de identidade apresentada por Pollak

(1992), constitui “um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 5). Assim, ao pensar na identidade subjetiva como um construto individual de memórias coletivas, podemos considerar que o acordo e a negociação dessa aceitação se fazem a partir do cruzamento da aceitação da esfera ideológica, da tomada de posição ideológica e das instituições que compõem o jogo da interação.

Visto que a memória constitui uma instância de vozes que se resignificam e se dispersam em sentidos mediante o lugar, o tempo e os sujeitos, ao comentar o ponto de vista de Hirsch (2008), Carmo (2015) ressalta que a pós-memória compreende “uma continuidade ou uma ruptura à noção de memória” (CARMO, 2015, p. 175), “refina as interpretações de memória, ao assinalar, em certos aspectos, a ruptura com esta herança, ou seja, a rigor, com a própria memória” (CARMO, 2015, p. 181) e “necessita sair do âmbito da memória, adquirindo uma outra natureza” (CARMO, 2015, p. 181). Com relação a essa (des)continuidade da memória, Nascimento e Oliveira (2019), ao interpretarem o pensamento de Halbwachs (1990), entendem que a mudança da memória está diretamente ligada com a proporção de recuo no passado, pois a “mudança se realiza no apagamento de algumas impressões e na sobreposição de outras, dependendo das condições sociais em que cada sujeito se encontra quando se volta para tais memórias” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019, p. 5 – 6), isto é, para acontecer o deslocamento de sentido, são necessários motivos peculiares.

Dito isso, pensando a memória como esse lugar de circulação e orquestração de vozes, acreditamos que, ao evocá-la, enunciá-la e refratá-la em seus discursos, o sujeito a movimenta e a discursiva, a partir desse conjunto, como ponto de vista que lhe é apropriado. Nesse sentido, com base

na consciência que lhe é significativa ou na que pretende formar apoiada na sua intenção diante do outro. Isso posto compreende a memória como um complexo discursivo de acontecimentos sociais que permitem ao sujeito a tomada de posição de um enfoque enunciativo para estabelecer uma memória entoacional, quer dizer, a construção de imagens memoriais que se irrompem de modo descontínuo do imaginário coletivo de uma sociedade, para formar a opinião particular de um determinado sujeito.

Ainda em relação a essa memória entoacional, a caracterizamos como a própria ação da memória pelo sujeito para enunciar em tempo presente um conjunto ideológico de valorações que se irrompem do imaginário coletivo de ideologias institucionais do passado. Isso significa dizer que esse todo reminescente está a serviço de vontades e interesses político-ideológicos, para, como afirmam Nascimento e Oliveira (2019), construir, na narração de fatos e imagens do presente, uma memória manipulada, distorcida e silenciada. Como postulam esses autores, “as memórias do passado fazem com que esse passado retorne à consciência, servindo para compreender o presente e construir a imagem do porvir. Ao mesmo tempo, a memória é sempre atual e mantém um elo com o vivido no eterno presente” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019, p. 7). Ainda, para esses pesquisadores, a memória constitui um instrumento de luta para a sobrevivência, o que significa a construção e a (re)atualização da identidade de um povo (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019), bem como, no que concerne a Nora (1993), estabelece silêncios e esquecimentos, razão pela qual “não são todas as lembranças, não são todas as cenas que alimentam a memória” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019, p. 7).

### 3 Comunismo: entre conceitos e rupturas

Neste tópico, voltaremos nossa atenção para a noção de comunismo, tendo em vista os objetivos deste trabalho. Para isso, focalizamos a discussão na perspectiva marxista acerca do assunto. Não é, no entanto, nossa finalidade aprofundar a discussão sobre essa temática tão complexa, mas apresentar, dentro de uma perspectiva histórica, um panorama, mais precisamente, mostrar a ideia do que Karl Marx e Friedrich Engels entendiam como comunismo e dos meios para atingi-lo, reconhecendo que poucos são os assuntos que geram tanta controvérsia, em nossos dias, quanto o comunismo. Assim, a história do movimento comunista está aberta e toma contornos diferentes dependendo de quem a conte.

Para começar, é pertinente retomarmos a história do uso que se faz dos termos socialismo e comunismo. Ao comentar a obra de Marx e Engels, Arnaldo Spindel (1991), no livro *O que é socialismo?*, esclarece o seguinte:

Quando Marx e Engels escolheram o termo Comunista para designar a organização a que pertenciam (a Liga dos Comunistas) e para ser usado como título de seu programa (Manifesto do Partido Comunista), eles possuíam bons motivos para fazê-lo. Socialismo designava, naquele momento, toda a corrente dos socialistas utópicos e a Marx interessava demarcar claramente a distância que existia entre as antigas ideias socialistas e o novo corpo doutrinário que ele elaborava. Com o passar dos anos e a conquista da hegemonia das ideias marxistas sobre as demais ideias socialistas, os partidários de Marx e Engels passaram a usar indiscriminadamente o termo Socialismo e Comunismo, chegando mesmo a preferir o primeiro (SPINDEL, 1991, p. 10).

Como se constata na leitura empreendida por Spindel (1991), existiram várias correntes socialistas. Segundo o mesmo autor, havia alas mais moderadas, revisionistas e outras mais radicais, como a ala liderada por Lenin, que tomara o poder na Rússia na Revolução de 1917. Essa ala leninista, ao pretender deixar bem claras as diferenças existentes entre ela e [...] as correntes moderadas e revisionistas, “retoma o título de comunista que

vem, desde então, designando seu movimento e a seus seguidores reunidos na III Internacional ou Internacional Comunista” (SPINDEL, 1991, p. 10). Cabe ressaltar que as estratégias e ideias de Lenin, desenvolvidas a partir das ideias de Marx e Engels, fazem parte do corpo teórico conhecido por marxismo-leninismo. E, segundo Spindel (1991), é esse corpo teórico que está na base de todos os regimes comunistas de nossos dias.

Já na Alemanha, em comparação com o comunismo na Rússia, o movimento operário internacional, nos anos seguintes ao final da Primeira Guerra Mundial, sob a liderança do Partido Social-Democrata Alemão, não apresenta a mesma radicalidade, pois atua de forma a fazer uma passagem gradual da sociedade capitalista à sociedade socialista. Como estratégia, o partido utiliza reformas sociais e passa a atuar no parlamento. Conforme Spindel (1991, p. 12), “os partidários desta linha passam a ser conhecidos como sociais-democratas ou, pura e simplesmente, socialistas”. Ademais, ocorreram rupturas posteriores dentro do movimento comunista. Essas rupturas, de acordo com Spindel (1991), nunca deixaram de se considerar como movimento socialista, como é o caso da linha chinesa ou da linha iugoslava.

O mesmo Arnaldo Spindel (1989), no texto intitulado *O que é comunismo?*, explica:

[...] após a I Guerra vemos ressurgir uma Internacional Socialista (dominada pelos partidos sociais-democratas, notadamente pelo alemão) e uma Internacional Comunista (comandada pelos bolchevistas russos). A partir deste momento, podemos falar de movimento socialista e movimento comunista como coisas distintas (SPINDEL, 1989, p. 5).

A história das ideias socialistas e comunistas possui alguns cortes de importância. O primeiro deles é entre os socialistas utópicos e os socialistas científicos, marcado pela introdução das ideias de Marx e Engels no universo das propostas de construção da nova sociedade. Na leitura de

Spindel (1989), Marx percebia que a exploração à qual era submetida a maioria dos cidadãos não lhe permitia conseguir um desenvolvimento completo de suas personalidades. Além disso, o trabalho não representava prazer para aquele que produzia, mas era um jugo necessário para garantir a subsistência. A maioria da população trabalhava, mas eram os donos do capital que se apropriavam do resultado desse trabalho.

Diante dessa realidade vivenciada pelo trabalhador numa sociedade dominada pelo capitalismo, Marx acreditava que aquela situação teria de chegar ao fim e uma nova sociedade deveria surgir. Nessa sociedade, reinaria a harmonia entre homem e homem e entre homem e natureza. O comunismo seria o estágio perfeito da sociedade. Antes desse estágio, no entanto, a sociedade precisaria dá um primeiro passo, a saber, o socialismo. Ao considerar esse futuro da sociedade humana, Marx e Engels, trabalhando com os conceitos de materialismo dialético e materialismo histórico, passam a lutar para conseguir acelerar o processo de passagem da sociedade burguesa onde os homens eram explorados a uma outra onde todos teriam iguais possibilidades – a sociedade socialista. Nessa luta, Marx e Engels analisaram metódica e cientificamente a trajetória da Humanidade até o advento da sociedade capitalista, bem como os mecanismos internos de funcionamento desta. Tudo isso com a finalidade de colaborar para que o homem chegasse o mais rapidamente possível à sociedade socialista, primeiro passo para se atingir o comunismo.

A partir de Marx e Engels as ideias avançam, dando uma maior homogeneidade ao movimento socialista internacional. Spindel (1991) diz que, pela primeira vez, trabalhadores de países diferentes, quando pensavam em socialismo, estavam pensando numa mesma sociedade — aquela preconizada por Marx — e numa mesma maneira de chegar ao poder. No entanto, a homogeneização do movimento dos

trabalhadores não foi completa. Spindel (1991) cita que doutrinas de cunho não-marxista, como é o caso do Anarquismo, conseguiram breçar este processo e dividir o movimento. Além disso, “[...] as próprias divisões no seio da corrente marxista e, mais tarde, a revisão dos conceitos básicos da doutrina do fundador do socialismo científico acabaram por gerar propostas socialistas variadas” (SPINDEL, 1991, p.9).

Ao traçar o perfil heterogêneo dos movimentos socialistas e comunistas, Spindel (1991) lembra que os “[...] regimes comunistas, que se dizem partidários do socialismo, atacam com vigor os regimes sociais-democratas, que também se arvoram o título de socialista; e vice-versa” (SPINDEL, 1991, p. 10). Assim, ainda que possuindo as mesmas bases teóricas, “os movimentos socialista e comunista possuem visões de mundo divergentes e propostas de solução para os problemas da sociedade com poucos pontos em comum” (SPINDEL, 1991, p. 65). Com isso, as várias facetas e divisões dentro do socialismo acarretam confusões acerca do uso do termo hoje em dia. Nesse sentido, nem sempre o uso que se faz do termo deixa claro o que se entende por socialismo e qual a perspectiva que está sendo evocada no discurso.

Cabe pontuar que as ideias socialistas não nasceram com Marx e Engels, mas foi com as teses desses pensadores que foram constituídas as bases do socialismo moderno. Spindel (1991) menciona que, apesar de obras anteriores, é o Manifesto do Partido Comunista que inova definitivamente o ideário socialista. A partir desse manifesto, Marx e Engels aprofundam e detalham, em suas demais obras, suas concepções sobre a nova sociedade e sobre a História da humanidade.

Assim, no âmbito da compreensão do que é o comunismo, ganha destaque o *Manifesto do Partido Comunista*, marco inicial do advento do socialismo científico, pensado como plataforma da Liga dos

Comunistas, uma associação de operários primeiro exclusivamente alemã e mais tarde internacional, num Congresso da Liga, realizado em Londres em novembro de 1847. Esse documento foi redigido em alemão, em janeiro de 1848 por Karl Marx e Friedrich Engels e publicado como um programa prático e teórico completo do partido.

No referido documento, Marx e Engels (1997) teorizam acerca da sociedade burguesa, mostrando seus aspectos e as transformações que fizeram surgir tal sociedade. Os autores do Manifesto compreendem a história humana a partir da dialética da luta de classes opressoras e oprimidas: aristocratas contra plebeus, senhores feudais contra camponeses, burgueses contra proletários. Nessa perspectiva, o próximo estágio da sociedade seria a revolução do proletariado como síntese da desalienação das massas. Assim, conforme Spindel (1989), os fundadores do socialismo científico preocuparam-se em mostrar as questões relativas à tomada do poder pela classe proletária e à passagem do sistema capitalista ao sistema comunista, via sistema socialista.

Ao comparar a burguesia com outras classes, Marx e Engels (1997) dizem que, ao longo da história, para se poder oprimir uma classe, têm de lhe ser asseguradas condições em que possa pelo menos ir arrastando a sua existência servil. Segundo eles, “o servo [Leibeigene] conseguiu chegar, na servidão, a membro da comuna, tal como o pequeno burguês [Kleinbürger] a burguês [Bourgeois] sob o jugo do absolutismo feudal” (MARX & ENGELS, 1997, p. 41).

No entanto, como contrário disso, na sociedade burguesa:

[...] o operário moderno, em vez de se elevar com o progresso da indústria, afunda-se cada vez mais abaixo das condições da sua própria classe. O operário torna-se num indigente [Pauper] e o pauperismo [Pauperismus] desenvolve-se ainda mais depressa do que a população e a riqueza (MARX & ENGELS, 1997, p. 41).



Esse aspecto dissonante da sociedade burguesa é suficiente para que os autores do Manifesto entendam que “a burguesia é incapaz de continuar a ser por muito mais tempo a classe dominante da sociedade e a impor à sociedade como lei reguladora as condições de vida da sua classe” (MARX & ENGELS, 1997, p. 42). Dessa maneira, porque é “incapaz de assegurar ao seu escravo a própria existência no seio da escravidão” (MARX & ENGELS, 1997, p. 42), a sociedade não pode mais viver sob a dominação da burguesia, pois a vida desta já não é compatível com a sociedade.

O Manifesto propõe a luta nacional do proletariado contra a burguesia. O proletariado de cada país tem naturalmente de começar por resolver os problemas com a sua própria burguesia (MARX & ENGELS, 1997). Nas palavras dos autores do Manifesto:

Ao traçarmos as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, seguimos de perto a guerra civil mais ou menos oculta no seio da sociedade existente até ao ponto em que rebenta numa revolução aberta e o proletariado, pelo derrube violento da burguesia, funda a sua dominação (MARX & ENGELS, 1997, p. 40).

Conforme esse trecho, o Manifesto prega a derrubada da burguesia e que em seu lugar se funde a dominação do proletariado. Embora chame a atenção para o problema da burguesia nacional, o Manifesto comunista tem em vista o domínio do proletariado independentemente da nacionalidade. Aliás, a frase convocatória que encerra o Manifesto é “*Proletários de todos os países, uni-vos!*”.

Ademais, ao mencionar a abolição da propriedade privada, Marx e Engels (1997, p. 44) evocam um fato histórico, qual seja, “[...] a abolição de relações de propriedade até aqui não é nada de peculiarmente característico do comunismo”. Como bem observa Spindel (1991, p. 14), embora o socialismo, tal como é entendido, geralmente, em nossos dias, entra no palco da História apenas em

meados do século XVIII, “[...] a preocupação por uma sociedade que suprimisse as desigualdades entre os homens é uma ideia que pode ser encontrada no passado remoto da História Universal”. O autor cita, como exemplo, a Grécia Antiga onde Platão, ao examinar as sociedades primitivas, nos falava de um estado da natureza baseado na igualdade entre os homens. Cita também ideias que circulavam no Império Romano, nos primórdios do cristianismo, e nas revoltas dos camponeses durante a Idade Média. Além desses casos, Spindel (1991) menciona ideias mais elaborada em obras de escritores como Thomas More com a sua Utopia (1516).

Acerca da abolição da propriedade, tem-se o seguinte manifesto:

O que distingue o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. Mas a moderna propriedade privada burguesa é a expressão última e mais consumada da geração e apropriação dos produtos que repousam em oposições de classes, na exploração de umas pelas outras. Neste sentido, os comunistas podem condensar a sua teoria numa única expressão: supressão [Aufhebung] da propriedade privada (MARX & ENGELS, 1997, p. 44).

Na mesma temática, o Manifesto dá a entender que a propriedade suprimida não seria aquela adquirida pessoalmente, fruto do trabalho próprio, a propriedade que formaria a base de toda a liberdade, atividade e autonomia pessoais, mas “apenas o carácter miserável desta apropriação, em que o operário só vive para multiplicar o capital, só vive na medida em que o exige o interesse da classe dominante” (MARX & ENGELS, 1997, p. 45).

Marx e Engels (1997) tecem comparações entre a sociedade burguesa e a sociedade comunista. Segundo eles:

Na sociedade burguesa o trabalho vivo é apenas um meio para multiplicar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista o trabalho acumulado é apenas um meio para ampliar, enriquecer, promover o processo da vida dos operários. Na sociedade burguesa domina, portanto, o passado sobre o presente,

na comunista o presente sobre o passado. Na sociedade burguesa o capital é autônomo e pessoal, ao passo que o indivíduo ativo não é autônomo nem pessoal. O comunismo não tira a ninguém o poder de se apropriar de produtos sociais; tira apenas o poder de, por esta apropriação, subjugar a si trabalho alheio (MARX & ENGELS, 1997, p. 45).

Outro aspecto comparado diz respeito ao desaparecimento das oposições nacionais dos povos. Marx e Engels (1997) perceberam que tal aspecto já se encontra presente na sociedade burguesa, impulsionado pela liberdade de comércio, pelo mercado mundial, pela uniformidade da produção industrial e pelas relações de vida correspondentes a vida burguesa. Na sociedade comunista, por sua vez, as oposições desapareceriam ainda mais, pois, segundo os autores supracitados, a unidade de ação, pelo menos dos países civilizados, é uma das primeiras condições da sua libertação. Marx e Engels (1997, p. 48) complementam: “[...] à medida que é suprimida a exploração de um indivíduo por outro, é suprimida a exploração de uma nação por outra”.

Ademais, cabe mencionar os seguintes trechos do Manifesto, que apontam para os modos pelos quais os proletários fariam a revolução e subiam ao poder.

A elevação do proletariado a classe dominante, a conquista da democracia pela luta. O proletariado usará a sua dominação política para arrancar a pouco e pouco todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção na mão do Estado, i. é, do proletariado organizado como classe dominante, e para multiplicar o mais rapidamente possível a massa das forças de produção.

Naturalmente isto só pode primeiro acontecer por meio de intervenções despóticas no direito de propriedade e nas relações de produção burguesas, através de medidas, portanto, que economicamente parecem insuficientes e insustentáveis mas que no decurso do movimento levam para além de si mesmas e são inevitáveis como meios de revolucionamento de todo o modo de produção. Estas medidas

serão naturalmente diversas consoante os diversos países (MARX & ENGELS, 1997, p. 49)

Em outro ponto do documento é dito que:

Os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo derrube violento de toda a ordem social até aqui. Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista! Nela os proletários nada têm a perder a não ser as suas cadeias. Têm um mundo a ganhar (MARX & ENGELS, 1997, p. 64-65).

Destaque-se que o Manifesto coloca que as intervenções, as medidas, os meios de revolucionamento serão usados consoante os diversos países. Os autores chegam a listar dez medidas, pensando em países mais avançados:

1. Expropriação da propriedade fundiária e emprego das rendas fundiárias para despesas do Estado.
  2. Pesado imposto progressivo.
  3. Abolição do direito de herança.
  4. Confiscação da propriedade de todos os emigrantes e rebeldes.
  5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, através de um banco nacional com capital de Estado e monopólio exclusivo.
  6. Centralização do sistema de transportes nas mãos do Estado.
  7. Multiplicação das fábricas nacionais, dos instrumentos de produção, arroteamento e melhoramento dos terrenos de acordo com um plano comunitário.
  8. Obrigatoriedade do trabalho para todos, instituição de exércitos industriais, em especial para a agricultura.
  9. Unificação da exploração da agricultura e da indústria, atuação com vista à eliminação gradual da diferença entre cidade e campo.
  10. Educação pública e gratuita de todas as crianças. Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas na sua forma hodierna. Unificação da educação com a produção material, etc.
- (MARX & ENGELS, 1997, p. 50).

A revolução do proletariado acabaria com o poder político, sendo esse o poder organizado de uma classe para a opressão de uma outra. Conforme Marx e Engels (1997, p. 50), o proletariado, por uma revolução, se faz classe dominante e “como classe dominante suprime violentamente as velhas relações de produção, então suprime juntamente

com estas relações de produção as condições de existência da oposição de classes, as classes em geral, e, com isto, a sua própria dominação como classe”. Com a queda da velha sociedade burguesa com suas classes e oposições de classe, segundo o Manifesto, entra no lugar “[...] uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX e ENGELS (1997, p. 51).

Na concepção marxista, portanto, a luta entre burguesia e proletariado levaria, conseqüentemente, à ruptura que seria representada pela tomada de poder pelos operários e à implementação do socialismo. No entanto, como observa Spindel (1991), este não seria, todavia, o estágio final de desenvolvimento da sociedade humana. O mesmo autor continua: “[...] com a tomada de poder pela classe operária seria necessário um período para a consolidação do poder desta classe (a ditadura do proletariado), para que se pudesse passar a uma sociedade completamente sem classes e sem Estado: o comunismo” (SPINDEL, 1991, p. 40).

### 3.1 Comunismo e socialismo no Brasil: um breve percurso histórico

Leandro Konder (2003) discute a história das ideias socialistas no Brasil, partindo da ideia inicial de que o socialismo é um fenômeno típico da história moderna e contemporânea. Retomando as ideias de Karl Marx, ele afirma que esse fenômeno só apareceu no final do século XVIII. No Brasil, segundo o mesmo autor, em 25 de julho de 1948, temos a tradução do *Manifesto do Partido Comunista*, feita por Otávio Brandão e publicada no jornal sindical *Voç Cosmopolita*. Konder (2003) comenta que a chegada das ideias socialistas no Brasil encontrou uma situação social completamente diferente da realidade europeia. Na Europa, onde as ideias do socialismo ganharam espaço, ocorria o avanço da industrialização, assistia-se à situação

precária dos proletários e o quanto as ideias políticas do liberalismo não eram mais satisfatórias por setores cada vez mais amplos da sociedade. Conforme aponta o autor, tais ideias não serviam para atenuar as tensões da chamada *questão social* (KONDER, 2003).

No Brasil, a situação social era outra. Havia pouquíssimas indústrias, a força de trabalho se baseava na exploração dos escravizados negros, trazidos da África à força. Discutindo esse contexto histórico, o historiador Boris Fausto comenta que as poucas fábricas que surgiram no Brasil, “em meados do século XIX, destinavam-se principalmente a produzir tecidos de algodão de baixa qualidade, consumidos pela população pobre e pelos escravos” (FAUSTO, 1995, p. 286). A economia era predominantemente agrária e estava voltada para a exportação de matérias-primas (KONDER, 2003).

Konder (2003) diz que durante a independência política, proclamada por Dom Pedro I em 1822, o Segundo Império, dirigido pelo imperador Pedro II, as ideias socialistas não tinham, aparentemente, nenhuma serventia na sociedade escravista, pois, nessa sociedade, “o problema crucial não era a chamada *questão social* (a questão do movimento operário), como na Europa, era a *questão servil* (isto é, a questão da escravidão)” (KONDER, 2003, p. 29).

Ao mesmo tempo, continua Konder (2003, p. 29), “os intelectuais e os políticos, no Brasil, não podiam ignorar as ideias de um movimento que estava se tornando importante nos países europeus”. Isso ocorria porque a vida cultural brasileira gravitava em torno de referências típicas da cultura europeia, em especial da cultura francesa, e o socialismo estava começando a se tornar um tema de discussão “quente” na França. Foi assim que a Comuna de Paris, em 1871, teve grande repercussão no Brasil, sendo destaque na imprensa brasileira. Konder (2003, p. 30) diz que “os políticos

e os jornais conservadores difundiam informações a respeito de crimes e atrocidades praticados pelos amotinados”. No entanto, mesmo com ameaças de extradição para qualquer rebelde foragido que aqui chegasse, para que o governo francês o punisse, havia quem simpatizasse com a Comuna.

No contexto social e político, faltava, aos brasileiros, conhecimento preciso dos escritos de Marx, pois os intelectuais brasileiros daquele período ignoravam Marx, ou então tinham dele uma visão superficial e preconceituosa. Conforme Konder (2003), a ideia que se tinha de socialismo/comunismo era imprecisa, às vezes pitoresca ou divertida. Essa mesma leitura é feita por Bandeira, Melo e Andrade (2017 [1967], p. 151), pois, segundo eles, “a revolução russa introduziu no movimento operário brasileiro, novas ideias, novos conceitos, novas palavras, embora, inicialmente, de forma vaga e confusa.” No entender desses estudiosos, falta a todos, inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava.

A partir da Abolição, em 1888, e da Proclamação da República, em 1889, ocorreu o aumento gradual de estabelecimentos industriais, geralmente pequenos. “Aos poucos, multiplicaram-se os grupos de trabalhadores, os embriões das futuras organizações sindicais. E cresceu, também, o número das publicações voltadas para o novo público leitor” (KONDER, 2003, 32). Konder (2003, p. 33) comenta que alguns socialistas pioneiros do nosso movimento operário nascente se mostraram sensíveis a essa propaganda republicana”. Ou seja, a República foi vista com bons olhos pelos socialistas.

Inserida na sociedade brasileira, o socialismo motiva a abertura de instrumentos de divulgação de ideias. Bandeira, Melo e Andrade (2017 [1967], p. 149) dizem que “a partir dos primeiros anos da República, houve várias tentativas de organizar o nascente proletariado sob a forma de partidos

socialistas. Todas, porém, logo se desvaneceram”. Em 20 de setembro de 1900, é lançado, em São Paulo, o socialista *Avanti!*, em italiano, que circulará até 1909, que, segundo Bandeira, Melo e Andrade (2017 [1967]), nunca logrou tornar-se o centro de irradiação das ideias marxistas. Mas, por outro lado, Konder (2003) diz que em Recife, o jornal *Aurora Social* exaltava Marx, referindo-se a ele como “herói querido que dorme o derradeiro sono, enquanto sua alma límpida, feita de luz e amor, ilumina os nossos passos na longa trajetória de nossos ideais”. Além disso, conforme o mesmo Konder (2003), no Rio Grande do Sul, no início do século 20, houve uma intensa atividade de socialistas vinculadas às posições da Segunda Internacional; no Rio de Janeiro, o professor e propagandista republicano Vicente de Souza (1852-1908) fundou um Centro das Classes Operárias, que teve curta duração. Com isso, Konder (2003) mostra como o socialismo começa a fazer parte da vida intelectual brasileira, mesmo que de forma modesta. Essa presença é notável na ficção literária brasileira do começo do século XX.

As ideias socialistas, no entanto, não se manifestaram de forma uniforme no Brasil. Desde cedo ocorreram grupos com concepções diferentes, por exemplo, os grupos anarquistas, que exerceram forte influência entre a classe trabalhadora, incentivando posturas mais radicais. Bandeira, Melo e Andrade (2017 [1967], p. 150) mostram, por exemplo, que “em muitos Estados, socialismo e anarquismo chegavam a confundir-se no mesmo ideal de libertação. No Rio de Janeiro, porém, as divergências entre anarquistas e o pequeno grupo de socialistas manifestam-se de modo mais agressivo, resultando em alguns incidentes”.

Konder (2003) discute também a organização dos socialistas e comunistas em partidos políticos e como eles fazem parte ainda hoje da vida política brasileira. Konder (2003, p. 60) constata que no Brasil, onde não existia Partido Socialista, “o Partido

Comunista se constituiu a partir das discussões de ex-anarquistas, que estavam revendo suas posições. Em marco de 1922, havia 73 militantes convertidos ao leninismo em todo o Brasil dispostos a fundar o novo partido”. O mesmo autor cita o seguinte trecho do documento *Movimento Comunista*, órgão nacional do partido, que contém o objetivo do partido:

Atuar como organização política do proletariado e também lutar e agir pela compreensão mútua internacional dos trabalhadores. O partido da classe operária é organizado com o objetivo de conquistar o poder político pelo proletariado e pela transformação política e econômica da sociedade capitalista em comunista (KONDER, 2003, p. 61).

Acerca do nascimento do Partido Comunista do Brasil, Fausto (1995) menciona a chegada ao Brasil de informações acerca das rupturas entre anarquistas e comunistas que tinham triunfado na Rússia. Segundo o mesmo autor, o partido comunista teria nascido de rupturas com o anarquismo e essa era uma origem excepcional na América Latina, onde praticamente todos os partidos comunistas resultaram de cisões do Partido Socialista (FAUSTO, 1995).

Fausto (1995) faz uma distinção importante entre comunistas e anarquistas, pensando a atuação desses grupos no contexto brasileiro. O autor cita, entre outros, os seguintes pontos de diferenciação:

Os comunistas colocam no horizonte a sociedade socialista, mas distinguem-se dos anarquistas em pontos fundamentais. Em primeiro lugar, valorizam o papel do Estado. Não só defendem a necessidade de ganhar posições no Estado, antes da conquista do poder, como, após essa conquista, sustentam a necessidade de estabelecer um período de transição por tempo indefinido – a ditadura do proletariado – onde o Estado é reforçado antes de perecer.

Enquanto os anarquistas veem a política e os partidos como campo de emergência de novas desigualdades, a questão política é básica para os comunistas. Sua atuação se dá nesse terreno de várias formas, com primazia para o papel do partido, autodefinido como representante do proletariado (FAUSTO, 1995, p. 303).

Nos anos 1930, outro momento importante da história do Brasil, os comunistas estiveram presentes e exercem papel político importante. Sob o governo de Getúlio Vargas, os comunistas utilizaram a Aliança Nacional Libertadora (ANL) como instrumento de tomada do poder, mas não deu certo, pois, no começo de julho de 1935, foi sumariamente fechada pelo governo. Nas palavras de Konder (2003, p. 61), “embora contassem com uma base de apoio bastante limitada na sociedade, os militantes do PC, impacientes, adotaram uma linha política agressiva, da qual resultou a tentativa de golpe de novembro de 1935, que veio a ser chamada de Intentona Comunista”. A Intentona Comunista falhou e foi habilmente aproveitada pelo governo para desencadear uma onda de repressão que pôs na cadeira, não só os militares sublevados, mas também intelectuais e políticos da oposição. Konder (2003, p. 62) diz que “nos dois anos que se seguiram à Intentona, o governo acenou o tempo todo com o fantasma de um novo golpe comunista, até que em novembro de 1937, Vargas implanta o Estado Novo”.

Fausto (1995) explica como uma suposta ameaça comunista foi utilizada como pretexto para instalar o Estado Novo. Ele menciona que o *Plano Cohen*, cuja história apresenta aspectos obscuros:

[...] aparentemente, o ‘plano’ era uma fantasia a ser publicada em um boletim da Ação Integralista Brasileira, mostrando como seria uma insurreição comunista e como reagiria os integralistas diante dela. A insurreição provocaria massacres, saques e depredações, desrespeito aos lares, incêndios de igrejas etc. (FAUSTO, 1995, p. 363).

Fausto (1995) destaca que a obra de ficção foi transformada em realidade, “passando das mãos dos integralistas à cúpula do Exército”. Esse documento, no dia 30 de setembro de 1937, foi transmitido pela “Hora do Brasil” e publicado em jornais. Como efeito, Getúlio e a cúpula militar decidiram antecipar o golpe (FAUSTO, 1995).

Assim, em 10 de novembro de 1937, foi publicada a nova Constituição, a Câmara e o Senado foram fechados, as eleições também foram suspensas e comunistas foram presos em vários Estados. Entre os vários comunistas presos, estavam Luiz Carlos Prestes e Olga Benário (ela foi deportada para a Alemanha nazista).

Em 1945, a derrota do nazifascismo e a vitória dos aliados (União Soviética, Estados Unidos, Inglaterra e França) repercutiu no Brasil, enfraquecendo o Estado Novo. Getúlio acabou deposto por um golpe militar, em outubro de 1945. Era o período da redemocratização. Segundo Konder (2003), nas eleições de 1945, o PC tinha 200 mil filiados, era o auge de seu prestígio, e conseguiu eleger Prestes senador, com votação expressiva. O Partido Comunista tinha apoio de artistas e intelectuais, como os pintores Portinari, Di Cavalcanti, Carlos Scliar e Lazar Segall, ou como os escritores Jorge Amado, Graciliano Ramos, Dionélio Machado, Carlos Drummond de Andrade, Caio Prado Jr., Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e Álvaro Moreyra.

Após a Segunda Guerra Mundial, nos chamados anos da Guerra Fria, dois blocos se contrapunham no cenário internacional: o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos e bloco socialista, liderado pela União Soviética. Nesse período de tensão e extremismos:

[...] os comunistas brasileiros passaram a ser acusados de atuar como agentes de uma potência estrangeira, num clima de histeria, que procurava preparar a opinião pública para uma nova guerra mundial, que podia começar a qualquer momento. [...] O PC do Brasil foi posto fora da lei e, em janeiro de 1948, os mandatos de seus representantes no Poder Legislativo foram cassados. Seus dirigentes foram forçados a atuar na clandestinidade, o que assinalava o início de um novo período de repressão (KONDER, 2003, p. 68).

Com o declínio da União Soviética e para tentar se renovar e escapar às marcas do estalinismo, o Partido Comunista do Brasil mudou

de nome: passou a se chamar Partido Comunista Brasileiro (PCB). Essa mudança, entretanto, não recebeu apoio unânime. Isso fez surgir outro partido comunista, ou seja, o Brasil passou a ter dois partidos comunistas: o PCB (dirigido por Prestes) e o PC do B (que viria a ser dirigido por João Amazonas).

Cabe pontuar que não é apenas no plano político que as ideias comunistas/socialistas se fazem presentes no Brasil. Nos anos 1960, o socialismo exerce significativa influência na cultura brasileira. Jovens intelectuais, artistas e professores inquietam grupos conservadores. Mas foi o socialismo na política, conforme Konder (2003), que realmente assustava os grupos conservadores. “Grandes empresários, veteranos políticos do centro e da direita, bem como importantes chefes militares, acompanhavam, apreensivos, as atividades práticas de socialistas, comunistas ou políticos de esquerda” (KONDER, 2003, p. 74).

Com a ditadura militar a partir de 1964, os socialistas tiveram uma firme atitude de oposição. Konder (2003, p. 75) diz que, com a repressão desencadeada pela ditadura militar, “os movimentos das organizações socialistas se aceleraram e a busca de novas formas de atuação se tornou mais nervosa. As decisões eram tomadas num clima tenso, dramático, que não deixava tempo para que as convicções se definissem com serenidade”. Com o fim da ditadura e a volta do regime democrático, no Brasil, são abertos muitos espaços para a atuação dos socialistas das mais variadas tendências. Konder (2003) mostra como as ideias socialistas têm permanecido e se transformado nas configurações políticas mais recentes. Assim, no Brasil de hoje, os socialistas continuam colocando como pautas temas, como as desigualdades necessariamente geradas pelo capitalismo, a denúncia da exploração do trabalho e a vontade de contribuir para que os trabalhadores se organizem e construam uma sociedade mais justa.

Assim, nas palavras de Konder (2003):

Os socialistas brasileiros fizeram uma longa caminhada, até chegarem à situação atual.

Travaram muitas lutas, sofreram muitas perseguições. Repensaram e reformularam seus ideais. Embora alguns tenham permanecido apegados a doutrinas envelhecidas, a maioria vem se esforçado bastante para se atualizar (KONDER, 2003, p. 90).

Essa caminhada até os dias atuais ainda é atravessada por discursos polêmicos. Na próxima seção, feito esse apêndice histórico e conceitual acerca do comunismo, faremos a análise de enunciados postados no *Twitter* em que memórias do comunismo surgem a partir das medidas adotadas para a proteção contra a Covid-19.

#### **4 Memórias do comunismo no contexto da pandemia da Covid-19: análises de enunciados (postagens) do Twitter**

A pesquisa feita no *Twitter* no dia 11 (onze) de abril de 2020, resultou em um total de 59 postagens em que a associação entre Covid-19 e comunismo se apresentava marcada na tessitura dos enunciados. Essas postagens materializam memórias do comunismo e assumem dois vieses valorativos que podem ser sintetizados nas seguintes proposições: (i) a Covid-19 é uma criação do comunismo; e (ii) as medidas de isolamento contra a covid-19 é a entrada do comunismo no Brasil. Essas duas proposições gerais, vale reafirmar, são construídas a partir de um jogo de memórias mobilizadas no discurso.

Feita a síntese das entonações valorativas em duas proposições, selecionamos algumas postagens representativas para a análise. As análises dos enunciados (as postagens) revelam memórias entoacionais que (re)discursivizam o comunismo a partir de uma concepção ideológica da Covid-19, mais precisamente, de discursos orientados por um viés político-ideológico de direita. Tais discursos materializam memórias do comunismo, operando tomadas de posições e ressignificando os sentidos

do evento comunismo numa compreensão deturpada da Covid-19.

A seguir, considerando as duas proposições mencionadas acima, dividiremos a seção de análise em duas subseções. Na primeira, analisaremos enunciados que materializam memórias entoacionais que discursivizam a Covid-19 como criação do comunismo. Na segunda subseção, analisaremos memórias que associam as medidas de isolamento contra a covid-19 ao comunismo.

#### **4.1 Memória entoacional que discursiviza a Covid-19 como criação do comunismo no Brasil**

Para evidenciar como acontecem a circulação e a atualização de memórias comunistas em discursos de ideologia de direita acerca da Covid-19, analisemos os seguintes enunciados:

#### **Enunciado/Postagem/01- 11 de abril de 2020**

“PESSOAS QUE SÃO LIGADAS A GRUPOS QUE PROMOVEM MOVIMENTOS DE RUAS, CONCLAMEM O POVO PARA PARAR O PAIS. CAMINHONEIROS PARA TBM O PAIS. ESSE COVID 19 É PANO DE FUNDO PARA MERGULHAR O BRASIL NO COMUNISMO. JÁ ESTAMOS VIVENDO O COMUNISMO NO PAÍS.”

Nos fios do discurso do Enunciado/Postagem 01, observamos que, para instituir a memória entoacional da Covid-19 como criação do comunismo, foi orquestrado um conjunto de três memórias, a saber: (1) a memória de movimentos de grupos sociais que saíam às ruas para lutar por seus direitos no contexto da ditadura militar; (2) a memória da greve geral dos caminhoneiros, que parou o Brasil no período de maio e junho de 2018; e (3) a memória de ativistas de direita, para quem, pelas críticas feitas ao então presidente patriota pela

oposição, os discursos que fomentam o isolamento social são perpassados por ideologias comunistas.

Pelas memórias vistas em (1), (2) e (3), os pontos de vista da memória entoacional corroboram as ideias de que:

(A) a memória comunista que preconizava a subversão dos ativistas de esquerda é atualizada em (1) como uma refração da conclamação da mobilização popular para fazer pressão e criar a consciência social de que o comunismo é a fonte da qual se originam todas as qualificações negativas da Covid-19. Só que, nesse caso, em particular, a ideia de subversão está alinhada às práticas ideológicas que fomentam como legítimas as políticas de atuação do governo federal na crise pandêmica. Nesse sentido, a memória comunista do passado atualiza-se na memória do presente de luta contra os inimigos da pátria e do governo, daqueles que articulam a queda do governo e o caos para a economia do país. Conforme discutido a partir de Konder (2003), Bandeira, Melo e Clovis (2017 [1967]) e Fausto (1995), a história do comunismo no Brasil foi marcada por perseguições e acusações como, por exemplo, o chamado *Plano Cohen*, que foi usado como justificativa para o golpe de 1937.

(B) A memória da greve geral dos caminhoneiros também está alinhada à ideia de paralisação oriunda de ações da memória do comunismo. Dessa maneira, o ato de paralisação não só dos caminhoneiros, mas também das instituições, reflete o entendimento de que deve-se mobilizar a população e conscientizá-la de que o melhor para o país está em apoiar as propostas presidenciais, sobretudo no que diz respeito a seguir na contramão do que “agências comunistas” mundiais preconizam. Conclamar os caminhoneiros significa atualizar uma memória capaz de formar na sociedade a consciência de união, de acordo, em razão da luta contra uma prática político-ideológica que, política e economicamente, tem

objetivos centrados na desarticulação de ações governamentais direitistas.

(C) A memória de ideologia direitista em razão de oposição esquerdista é atualizada na crítica de ações políticas que sejam voltadas para o assistencialismo social das classes menos favorecidas economicamente; na crítica da visão axio-ideológica que preconiza a consciência social da inclusão das classes minoritárias; e na crítica da abertura democrática para a negociação econômica com países de regime político socialista, como Cuba, por exemplo. Em conformidade com esse alinhamento político da direita hodierna, a memória que reflete vozes de resistência é, histórico-ideologicamente, deturpada em razão da atualização, da (re)criação e da circulação de memórias do passado em um contexto político presente no qual, no Brasil, não se luta apenas para combater a Covid-19, mas também para supervalorizar as práticas de um governo centralizador e extremista.

A partir do Enunciado/Postagem 01, podemos presumir que a memória entoacional atualiza a Covid-19 como uma criação do comunismo que se constrói como um modo orquestracional de vozes que são refletidas e refratadas em pontos de vista descontínuos historicamente. Representa visões de sujeitos que têm suas consciências formadas e (re)modeladas por camadas ideológicas nas e pelas quais ser comunista representa ser ativista de um regime que luta contra a ordem institucional do poder político que está no mando. Isso corresponde à refração de um ponto de vista capaz de transformar as memórias do passado em discursos que privilegiam o recorte e a transposição de ideologias que se ressignificam para fomentar a luta e a causa de um grupo político.

Vejamos mais uma construção da memória entoacional da Covid-19 como criação do comunismo:

**Enunciado/Postagem/02- 08 de abril**



“O covid é apenas a ferramenta da filosofia vermelha: DEZINFORMASIYA! OMS é apenas mais uma fachada p/ embasar esta filosofia soviética! Muitos acreditam que o comunismo “caiu” junto à URRS! Mas o próprio Putin afirmou q esta queda “foi uma tragédia de grande escala” – claro, para o mundo!”

No Enunciado/Postagem 02, conforme presumimos em Volóchinov (2017), a memória entoacional da Córdid-19 atualiza o comunismo como uma construção discursiva de uma esfera ideológica, representada por um signo ideológico (a cor vermelha da bandeira russa) no qual refrata-se e reflete-se a historicidade de um modo de pensar e de agir, bem como o de uma filosofia de vida de um povo. Enunciar que a “covid é ferramenta da filosofia vermelha” significa traçar um jogo de memórias das quais se erigem três pontos de vista diferentes: (i) a memória de uma teoria/filosofia preconizada por Marx e Engels (1997) como a luta pela democracia que instaura a igualdade de classes, a conquista do poder pelas classes inferiores e a instauração de uma sociedade justa sem a exploração das classes inferiores; (ii) a memória da OMS como uma agência caracterizada por fomentar políticas públicas mundiais capazes de preservar a garantia constitucional fundamental do direito à vida; (iii) a memória da perda de um regime político capaz de preconizar a igualdade e a existência da não exploração dos seres humanos enquanto instrumentos de trabalho.

Isso posto demonstra, através da expressão “Muitos acreditam que o comunismo “caiu” junto à URRS”, a ideia de que essa perspectiva político-ideológico-econômica, apesar do modelo político atual da sociedade brasileira, ainda pode estar ativo e determinando o agir político de muitas agências internacionais no contexto da pandemia Covid-19. Nesse caso, como pontuaram Marx e Engels

(1997), a ideia de valor positivo do comunismo se estabelece como um fundamento para as ações governamentais pautadas na visão do bem comum, sobretudo, pelo fato de não se pensar na desigualdade, no que diz respeito ao senhorio dos países ricos em detrimento dos países pobres. Ademais, podem-se refletir e refratar do trecho “a OMS é apenas mais uma fachada p/ embasar esta filosofia soviética” memórias de que agências mundiais podem estar a serviço de países de ideologias comunistas para influenciar diretamente nas políticas de ações da Covid-19 em países não comunistas.

No contexto brasileiro, a valoração negativa da imagem da OMS se dá em razão do ponto de vista ideológico do representante do poder executivo, visto que, enquanto para essa agência internacional, a vida deve ser preservada acima de qualquer valor capitalista; para a base do governo federal brasileiro, os valores de proteção à vida devem estar alinhados com os valores de manutenção social dessa vida. Esse contraponto de pontos de vista ideológicos constitui o lugar de debate da memória do comunismo tanto como um apoio ao discurso de luta pela igualdade de Marx e Engels (1997), quanto como uma estratégia política para descentrar as ações básicas de governos de direita no combate à pandemia.

**Vejamos mais uma construção da memória entoacional da Covid-19 como criação do comunismo:**

### **Enunciado/Postagem/03- 11 de abril de 2020**

“Lembrei que ontem comecei o dia tomando café com leite e dando corda pra bozominion que acredita que covid eh conspiração pra China implantar comunismo no mundo pois amo uma teoria da conspiração”.

No caso do Enunciado/Postagem 03, a Covid-19 cria uma memória entoacional marcada

pela ideia de comunismo como uma instância de sentidos descontínuos da ideia preconizada por Marx e Engels (1997). Enquanto, para esses autores, o comunismo era visto como uma teoria para se analisar as diferenças sociais nas desigualdades de classe; para o sujeito do presente enunciado, um sujeito compreendido pelo prisma do Círculo de Bakhtin, a memória do comunismo é atualizada como uma ideia desvinculada/descontextualizada/oblíqua em relação à apresentada pelos autores. Dessa maneira, mais do que uma lente para se contemplar as lutas de classes sociais, a ideia de comunismo, no Enunciado/Postagem 03, representa um ponto de vista ideológico (mal formulado) que legitima e determina ações de sujeitos esquerdistas.

Na memória entoacional do Enunciado/Postagem 03, observamos a existência presumida de dois pontos de vista, a saber: (1) o primeiro, que elucida a concepção do termo, diferente da que assume um eleitor do presidente de ideologia direitista; (2) o segundo, que indica a idealização da consciência direitista na qual o comunismo pode ser tudo aquilo relacionado a partidos de esquerda. Através da ativação desses dois pontos de vista no enunciado, o autor orquestra e mobiliza um confronto de vozes entre o pensamento de esquerda e de direita.

O primeiro termo sinaliza um posicionamento ideológico que ao Estado atribui “papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade” (BRESSER-PEREIRA 2006, p. 26-27). Já o segundo indica um viés ideológico que “defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social” (BRESSER-PEREIRA 2006, p. 26-27).

Assim, esse modo peculiar de enunciar, constrói na Covid-19 a memória entoacional do comunismo como uma ideia deturpada daquela que originou o termo, bem como realiza uma crítica

em relação a um complexo de desinformação do sentido do termo por muitos ativistas de direita.

Uma vez que o posicionamento de discurso comunista se materializa em enunciados do *Twitter*, é possível dizer que, ao que parece, boa parte dos eleitores e ativistas de direita acredita na Covid-19 como uma conspiração do comunismo. O jogo de memórias que circulam no Enunciado/Postagem 03 estabelece o que disseram Nascimento e Oliveira (2019) em relação às memórias do passado fazerem com que o próprio passado retorne à consciência do sujeito, servindo a este como um filtro que redefine o sentido do acontecimento e ressignificando de acordo com as preferências e com as finalidades discursivas para a atualização dessa memória no presente. Desse modo, como também postulam esses autores, o objetivo dessa descontinuidade de memória institui o serviço da vontade e do interesse político-ideológico do autor do enunciado.

## **4.2 Memória entoacional que associa as medidas de isolamento com o comunismo no Brasil**

Nesta segunda subseção, analisaremos memórias que associam as medidas de isolamento contra a Covid-19 com o comunismo. As postagens que se alinham a essa perspectiva materializam memórias do comunismo, a partir de um realce no aspecto da restrição do direito de ir e vir. Como outras já analisadas na subseção anterior, as postagens emergem no contexto histórico do mês de abril de 2020, portanto, durante as medidas de isolamento social praticadas pelos Estados e Municípios de todo o Brasil (e por quase todos os países do mundo). Logo, essa situação nova, excepcional, que começa a fazer parte da vida dos brasileiros, faz surgir discursos deturpadores de sentidos do comunismo e da própria Covid-19. Desse modo, tais discursos mobilizam memórias

do comunismo, ora reduzindo seus sentidos históricos, ora deturbando outros discursos.

O enunciado abaixo parte do pressuposto de que a Covid-19 é uma estratégia do comunismo para retirar a liberdade dos cidadãos.

## **Enunciado/Postagem/04- 09 de abril de 2020**

Desabafo: Quero de volta o mais rápido possível a liberdade tirada de mim pelo comunismo através do Covid-19.

Postado como “desabafo”, o enunciado em análise deturpa as medidas de isolamento, valorando-as como comunismo. Ou seja, a tomada de posição presente nesse enunciado entende acriticamente que todas as orientações emitidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pelas autoridades de saúde do mundo e do Brasil, são medidas de restrição da liberdade impostas pelo comunismo. Essa ressignificação enviesada focaliza uma possível prática do que seria um governo de cunho comunista, a saber, a limitação da liberdade dos indivíduos.

Ademais, o Enunciado/Postagem 04 realiza apagamentos quanto ao sentido mais amplo do comunismo, bem como deturpa o sentido da campanha em prol do isolamento social. A isso se sobrepõem outros sentidos, de acordo com a ideologia política que orienta a tomada de posição do sujeito (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019). O deslocamento de sentidos acontece a partir de motivações desprovidas de conhecimentos científicos ou de orientações que valorizem o bem social. No lugar disso, emerge uma ideologia que enfatiza o individualismo materializado no trecho “a liberdade tirada de mim”.

De modo mais amplo, a postagem entra em diálogo tenso com concepções diversas acerca do que é uma sociedade governada pelo comunismo.

Ou seja, estamos diante de uma luta com a palavra e seus sentidos (VOLÓCHINOV, 2017). Ganha a disputa quem conseguir disseminar o sentido desejado no coletivo social. Assim, o *Twitter* se configura veículo de luta, e a palavra “comunismo” é o signo ideológico em disputa. Certamente, a memória evocada no enunciado em análise valora o comunismo negativamente, até porque restringe seu sentido ao aspecto repressor. Essas leituras diversas acerca do comunismo não são novas, conforme aponta o percurso histórico construído a partir de Konder (2003), Bandeira, Melo e Clovis (2017 [1967]) e Fausto (1995). Não é de hoje que o comunismo é palco de disputa de sentidos. Conforme Spindel (1991, p. 64), “[...] o socialismo científico de Marx e Engels apresentou, no entanto, leituras bastante diversas. A partir da Segunda Internacional, após a morte de Marx em 1883, já se pode notar uma compreensão bastante variada dos ensinamentos de seus criadores”.

Na disputa pelos sentidos da palavra “comunismo” e, em última análise, pela memória, ao contrário de Marx e Engels, o enunciado a seguir denomina de “comunismo tropical” as práticas de isolamento social adotadas pelo Brasil diante da pandemia do coronavírus.

## **Enunciado/Postagem/05- 10 de abril de 2020**

Isso se chama comunismo tropical, onde a população é privada das liberdades e o bandido fica dando risada! Tem mais bandido solto pelo COVID do que gente contaminada! Conforme constatado nessa postagem, a memória acerca do comunismo aparece de forma a falsear esse fenômeno histórico, pois assume que no regime comunista a “população é privada da liberdade e o bandido fica dando risada”. A visão ideológica que recupera a noção de comunismo limita e distorce realidades históricas, apagando e silenciando aspectos amplos da proposta de uma sociedade comunista. Por exemplo, apaga e silencia os aspectos de igualdade entre os indivíduos e a supressão da exploração de um indivíduo por outro (MARX & ENGELS, 1997).

O comunismo, como se percebe nas memórias que ganham materialidade nas postagens do *Twitter*, é pintado com cores nebulosas, sombrias, é descrito como sinônimo do mal, do terror, da perseguição e da opressão. Em contrapalavra, estabelecendo rompimento com essa memória, Spindel (1989) sintetiza o modo como Marx pensa a sociedade comunista, que deveria surgir, nos seguintes termos:

Uma nova sociedade deveria surgir um dia, na qual todos os homens tivessem possibilidade de desenvolver plenamente todas as suas potencialidades, fossem elas no campo da arte, da ciência, do amor etc. Esta nova sociedade onde viveria um Homem Novo, um Homem Total, seria a sociedade comunista. Comunismo, para ele, era o estágio da sociedade humana onde não mais existiriam exploradores e explorados, onde a exploração do homem pelo homem tivesse chegado a seu fim. O homem, a sociedade e a natureza formariam um todo harmônico; o sonho do Homem Integral estaria realizado (SPINDEL, 1989, p. 7).

Eis uma síntese daquilo que seria a sociedade comunista, voltada para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas, sem exploradores e explorados. Ao contrário do comunismo descrito pelas memórias que circulam em enunciados do *Twitter*, Marx e Engels (1997, p. 43) resumem o objetivo do comunismo nos seguintes termos: “o objetivo mais próximo dos comunistas é o mesmo do que o de todos os restantes partidos proletários: formação do proletariado em classe, derrubamento da dominação da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado”. Os autores ressaltam que o comunismo não repousa em ideias e proposições teóricas apresentadas por alguém que quer melhorar o mundo, mas “[...] são apenas expressões gerais de relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se processa diante dos nossos olhos” (MARX & ENGELS, 1997, p. 43). Com isso, Marx e Engels (1997) argumentam no sentido de não teorizar a respeito de algo idealizado, mas de algo que existe

naquele momento da história humana, a saber, a luta de classe entre a burguesia e o proletariado.

Após trazer o posicionamento de Marx e Engels (1997), estabelecendo relação com as memórias em análises, vejamos mais uma postagem que relaciona as medidas de isolamento, distorcendo seu real sentido, ao comunismo.

### **Enunciado/Postagem/06- 07 de abril de 2020**

Primeiro não deixam você sair na rua, depois tratam qualquer cadáver como infectado com Covid e agora eles querem entrar nas casas e prender as pessoas “infectadas”. Comunismo vindo com tudo, ótima forma de perseguir inimigos do rei.

O Enunciado/Postagem 06 segue a mesma linha de atribuir ao comunismo as medidas de isolamento. Além disso, acusa, implicitamente, secretarias de saúde e governos municipais e estaduais de “tratar qualquer cadáver como infectado com Covid”. E mais, alega que “querem entrar nas casas e prender as pessoas infectadas”. Essas práticas são entendidas como sendo o “comunismo vindo com tudo”.

De maneira direta, a próxima postagem faz emergir o discurso negacionista, pois nega as mortes causadas pela Covid-19 e acusa, possivelmente, estados e municípios: “Estão atacando mortes por Covid até mortes em acidentes de trânsito”. Vejamos o enunciado postado:

### **Enunciado/Postagem/07- 10 de abril de 2020**

Covid-19: Brasil tem 114 mortes oficiais em 24 horas...Pura mentira, apresenta os laudos de todas estas mortes para o povão constatar! Estão atacando morte por covid até morte em acidente de trânsito! É isso que o comunismo quer! Todos confinados!

Como se constata, além do negacionismo, o final da postagem acusa: “É isso que o comunismo quer! Todos confinados!”. A memória que ressignifica o comunismo, nesse caso, atribui o confinamento como um *modus operandi* dessa sociedade pensada por Marx e Engels. Possivelmente, a memória em questão recorta o que ocorreu com a versão do comunismo na Revolução Russa, ou casos em que ocorreram perseguições causadas por regimes socialistas. Em todo caso, o que queremos destacar é que a memória coloca sob o guarda-chuva “comunismo” aspectos como o confinamento diante de uma pandemia, sendo que essa é uma orientação adotada por governos de quase todo o mundo, inclusive de regimes fortemente capitalistas, como é o caso dos Estados Unidos da América e da França.

Em todos os casos analisados, a memória entoacional que (res)significa negativamente o comunismo diz respeito a construção daquilo que Hirsch (2008) chamou de pós-memória, isto é, uma memória peculiar irrompida, descontinuamente, do conjunto de vozes históricas que preenchem a construção de uma memória atual de um fato/ acontecimento passado.

Ademais, como signo ideológico, a palavra comunismo é perpassada por diversas refrações e avaliações ideológicas (VOLÓCHINOV, 2017). As memórias que a evocam não são neutras, mas carregadas de entonações ideológicas, pois, como propunha Volóchinov (2017), “onde há signo há também ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

Dito isso, caminhamos para as conclusões deste trabalho, ressaltando aspectos que se destacam no *corpus* analisado.

## 5 Conclusões

Neste trabalho, analisamos enunciados/ postagens postados no *Twitter* que associam o evento Covid-19 ao comunismo, mais precisamente,

objetivamos compreender: (i) que associação é feita entre a Covid-19 e o comunismo em postagens da rede social *Twitter*?; e (ii) como a memória do comunismo é ressignificada nessas postagens? Para isso, dialogamos com estudos de Halbawchs (1990), Pollak (1992), Volóchinov (2017), Nascimento e Oliveira (2019), Marx e Engels (1917), Spindel (1991; 1989), Konder (2003), Bandeira, Melo e Clovis (2017 [1967]) e Fausto (1995).

O *corpus* (as postagens) foi selecionado no *Twitter*, entre os dias 08 (oito) e 11 (onze) de abril de 2020. Como procedimento de coleta, pesquisamos enunciados com as palavras “comunismo” e “Covid-19” no mesmo texto, visamos localizar as postagens em que a relação entre a Covid-19 e o comunismo aparece marcada textualmente. A pesquisa resultou em um total de 59 postagens em que a associação entre Covid-19 e comunismo se apresentava marcada na tessitura dos enunciados. Após a leitura, sintetizamos os vieses das postagens em duas proposições, a saber, (i) a Covid-19 é uma criação do comunismo; (ii) as medidas de isolamento contra a Covid-19 é a entrada do comunismo no Brasil.

Nesse sentido, a memória entoacional que discursiviza a Covid-19 como criação do comunismo, que reflete e refrata pontos de vistas descontínuos historicamente, revela as visões de sujeitos que têm suas consciências formadas e modeladas por camadas ideológicas nas e pelas quais ser comunista representa ser ativista de um regime que luta contra a ordem institucional do poder político que está no mando. As memórias analisadas são marcadas pelas descontinuidades em relação ao comunismo preconizado por Marx e Engels (1997), pois, para esses autores, o comunismo era visto como uma teoria para se analisar as diferenças sociais nas desigualdades de classe. Ao contrário disso, as memórias do comunismo analisadas atualizam o comunismo, de forma negativa, como sinônimo de perseguição, restrição das liberdades individuais,

sendo a Covid-19 criação dos comunistas para impor seu governo.

As memórias entoacionais que associam as medidas de isolamento ao comunismo realçam o aspecto da restrição do direito de ir e vir como estratégia do comunismo para implantar seu sistema de governo. Esses discursos, desprovidos de qualquer fundamentação, mobilizam memórias do comunismo, reduzindo-o e deturpando-o, bem como deturband o significado da campanha em prol do isolamento social. Como visto, as memórias do comunismo analisadas são construídas sobre uma falsa compreensão, apagando e silenciando aspectos como igualdade entre os indivíduos e a supressão da exploração de um indivíduo por outro (MARX & ENGELS, 1997).

Ademais, considerando o cenário de conflitos político-ideológicos brasileiro, o diálogo com as memórias do comunismo cria imagens que, para um grupo social que se enquadra na ideologia de direita, a pandemia da Covid-19 representa uma estratégia política de governos mundiais de esquerda para afetar a economia de países que não seguem a mesma ideologia, bem como para demonstrar que as políticas públicas que visam ao combate da pandemia são estabelecidas para desestruturar os avanços no desenvolvimento das ações do governo federal brasileiro.

Por fim, embora não tenhamos exaurido o assunto, é possível notar a presença do discurso negacionista nas postagens. Isso decorre dos constantes ataques impetrados pelo atual presente às campanhas de isolamento adotadas pelos Estados e Municípios como prevenção contra o coronavírus. Desse modo, as postagens no *Twitter* apresentam uma amostra de como uma parcela da sociedade brasileira tem aderido a esse discurso negacionista que, cabe enfatizar, não apresenta nenhuma fundamentação científica séria, mas se baseia em crenças e opiniões de grupos ideológicos

desprovidos de competências para discutir a questão.

Nesse sentido, como implicação das análises, entendemos que não é a concepção de comunismo o mais importante, até porque essa é uma palavra que carrega polêmicas, mas o modo como uma concepção deturpada do comunismo é utilizada para disseminar uma falsa visão acerca da pandemia da Covid-19. Isso tem impactado a vida das pessoas, pois produz confusão e uma falsa visão do real em um momento em que o conhecimento da Covid-19 é fundamental para o seu enfrentamento.

## Referências

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A.T. **O ano vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017 [1967].

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo: Lua Nova, n. 39, 1997, pp. 53-71.

CARMO, Cláudio do. **Da memória à pós-memória: ilações políticas e a ficção literária contemporânea**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 40, p. p 173 – 185, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HIRSCH, Marianne (2008), **The Generation of Postmemory**. *Poetics Today*, 29 (1): 103-28.

KONDER, Leandro. **História das ideias socialistas no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 2. ed. Lisboa: Editorial Avante!, 1997.

NASCIMENTO, Ilderlândio Assis de Andrade; OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. **Memórias do lugar: a construção enunciativa da identidade e do pertencimento**. Recorte – Revista Eletrônica, v. 16, n. 1, p. 1 – 16, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n° 10, 1992.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é comunismo?** 18. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, (1989) (Coleção primeiros passos).

EL, Arnaldo. **O que é socialismo?** 25. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, (1991) (Coleção primeiros passos).

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

**Submissão: abril de 2020**

**Aceite: julho de 2020.**